



1 Necrópole 2 Crença e Memória 3 Anatomia e Patologia



© Joshua Benoliel



MUSEU DO DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL

Largo de S. Julião, Lisboa

Entrada e participação nas atividades gratuita
Quarta a sábado das 10h00 às 18h00
www.museudodinheiro.pt

Visitas comentadas pelo arqueólogo Artur Rocha

Sábados, 25 de novembro, 9 de dezembro e 27 de janeiro às 16h30 | Marcação prévia

Seminário "A voz da morte no século XIX" | Com Artur Rocha, Fátima Almeida, João Neto e Teresa Rodrigues | Sábado, 18 de novembro, às 15h30 | Marcação prévia

Visitas para grupos 4.ª, 5.ª e 6.ª feiras | Marcação prévia
Reservas T + 351 213 213 240 | info@museudodinheiro.pt

Curador científico Artur Rocha • Curadoria e museografia, Coordenação de projeto e Programação cultural e educativa Museu do Dinheiro • Design Gráfico e de Exposição, Audiovisuais, Iluminação e Segurança Banco de Portugal • Tradução John Huffstot • Estruturas e vinis SIGN, J.C.Sampaio, Acrial, INKlimit, Uh! Frases Ilustradas • Restauro Arqueohoje, DGLAB/ANTT • Impressão Gráfica, Lda.

Tempus Fugit

Vida, morte e memória na igreja de São Julião

10.11.2017 a 27.01.2018



MUSEU DO DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL



O fenómeno da morte pode ser analisado por múltiplos prismas. Quer sejam científicos, estéticos, religiosos ou espirituais, uma constante permanece: a erosão do Tempo
– *Tempus fugit*.

A Arqueologia, disciplina que se ocupa da recuperação da memória coletiva, desempenha um papel importante na interpretação das vivências e crenças das comunidades.

Ao exibir os achados da escavação arqueológica da Igreja de São Julião, o Museu do Dinheiro estabelece uma ponte com o passado (não muito longínquo) do espaço que é agora a sua casa, revelando, através de uma diversidade de testemunhos materiais, a extensa necrópole oitocentista da antiga paróquia da Baixa Pombalina.

A exposição aborda duas visões complementares da população ali sepultada:

a exterior – apresentada através dos objetos funerários que representam crenças e ideais;

a interior – que revela os restos mortais, diseca a sua anatomia e mostra as diversas patologias que afetavam os indivíduos, assinalando os problemas de saúde pública constantes à época.

1 Necrópole

O pavimento da antiga nave acolhe *in situ* a peça central, uma representação da planta da necrópole esquematizada e à escala real, organizada a partir dos desenhos arqueológicos dos enterramentos descobertos entre 2010 e 2011.

No altar-mor, os livros de assentos de óbitos paroquiais complementam e alargam a interpretação do desenho inscrito no pavimento. Um dos livros, aberto na página de dezembro de 1810, retrata um tempo de grande mortandade no qual Lisboa foi vítima de uma crise de tifo, e que pode ter contribuído para alguns enterramentos em posição menos canónica.

Este núcleo da exposição convida a refletir sobre a deposição de mortos em igrejas, *apud ecclesiam*, uma prática comum desde a Idade Média que perdurou até meados do século XIX, e, por outro lado, sobre a demografia da paróquia de São Julião, que aqui sepultou homens e mulheres, adultos e crianças, leigos e religiosos, indivíduos e ossários.



2 Crença e Memória

O que nos diz o espólio funerário da população aqui enterrada?

Os objetos encontrados junto dos indivíduos ajudam a compreender de que forma a aparência reflete as crenças e superstições.

Depreender características comportamentais dos sujeitos e da comunidade na perspetiva da Arqueologia funerária pode ser uma tarefa complexa. Em São Julião, contudo, o panorama parece simples: os objetos enterrados com os defuntos são comuns e vinculam a forte religiosidade dos paroquianos. As medalhas de santos expostas (as verónicas ou ícones verdadeiros) são uma clara expressão da devoção.

Do leque diversificado de invocações inscritas nestes “amuletos” destaca-se a popular medalha de São Bento que, tal como a de Santo Anastácio, exibe uma oração de esconjuro, um sinal de que para estes paroquianos Satanás era ainda uma ameaça a ter em conta.

3 Anatomia e Patologia

As questões científicas e as diferentes etapas do estudo do material osteológico são ilustradas por fotografias dos trabalhos de escavação, bem como pelas imagens relacionadas com as operações de laboratório. Esta iconografia mostra um outro olhar sobre o espólio encontrado, a perspetiva antropológica que completa o programa de escavação.

Destes, os painéis com radiografias de algumas das patologias, descobertas através do estudo das ossadas, representam maleitas comuns dos paroquianos e mostram como estes indivíduos viviam, de que se alimentavam e o que faziam no dia-a-dia.

A questão da saúde pública, decorrente da análise antropológica, é fundamental para contextualizar a época no que se refere às causas de morte e aos modos como se atenuava a dor.

Vários equipamentos médicos sublinham as consequências do relativo arcaísmo da medicina no século XIX, traduzidas em estados graves de sofrimento e desconforto, por vezes crónicos.

